

NOVOS SUJEITOS, NOVAS POLÍTICAS E ANTIGAS QUESTÕES: AS ALIANÇAS FEMINISTAS TRANSNACIONAIS

Thays Almeida Monticelli¹

O livro “Le Sexe de la Mondialisation: Genre, Classe, Race et Nouvelle Division du Travail”², publicado em 2010 e organizado pelas autoras Jules Falquet, Helena Hirata, Danièle Kergoat, Brahim Labari, Nicky le Freuve e Fatou Sow é uma coletânea que reúne dezesseis artigos acerca da realidade que envolve economias mundializadas, mobilidades e fluxos migratórios internacionais, violências e resistências em relação às novas formas de trabalho e de divisão sexual do trabalho que vem se estabelecendo ao redor do mundo. Essa obra se torna muito importante ao apresentar novas e antigas formas de desigualdades que se colocam aos trabalhos que contém majoritariamente mão-de-obra feminina, e que se entrecruzam com categorias como raça, classe, nacionalidade e cidadania, o que nos permite olhar para uma crítica e uma desconstrução sobre o que significa trabalho e emprego, além de uma intensa reflexão sobre as novas formas de articulações políticas dos movimentos sociais.

Sobre essa última, dedico esta resenha em expor o capítulo elaborado por Paola Bacchetta, denominado “Réflexions sur les Alliances Féministes Transnationales”³, em que a autora faz uma análise das conexões políticas dos movimentos sociais, como feministas, LGBTs e queer, localizados em determinados contextos desiguais e de opressão. A autora tem por objetivo compreender as complexidades, questões, obstáculos, mas também as possibilidades e aberturas que implicam a formação das alianças transnacionais “potenciais” (*potentiatrices*). Ela utiliza três bases analíticas para cumprir com seus objetivos: os diferentes resultados de observação participante e etnografia que realizou em diversos grupos feministas, lésbicos e queer na Índia, na França, nos Estados Unidos e na Itália; as publicações dos grupos em questão; e as historiografias militantes e acadêmicas

1 É doutoranda do Programa de Pós Graduação em Sociologia da UFPR com bolsa financiada pela CAPES, Mestra em Sociologia pela UFPR e graduada em Ciências Sociais pela UFJF. É integrante do Núcleo de Estudos de Gênero (www.generos.ufpr.br) e do GETS (Grupo de Estudos Trabalho e Sociedade). E-mail: tamonticelli@gmail.com

2 O Sexo da Mundialização: Gênero, Classe, Raça e Nova Divisão do Trabalho. (tradução livre).

3 Reflexões Sobre as Alianças Feministas Transnacionais. (tradução livre)

desses mesmos grupos.

É importante ressaltar a diferenciação que a autora faz logo no início de seu capítulo sobre as alianças feministas transnacionais das alianças internacionais e globais, pois muitas vezes relações de poder desiguais se estabelecem nos diversos laços políticos firmados, como, por exemplo, o termo “internacional” que pode criar um exibicionismo nacional-normativo, em que alguns sujeitos dominantes acabam representando todas as feministas de seu país. Nesse mesmo contexto, o termo “global” implica em pressupostos políticos hierarquizados que atribuem o ônus da diferença para as mulheres de “Terceiro Mundo” e “esquecem” dos processos e relatos de explorações capitalistas e de racialização.

Diferentemente, as alianças feministas transnacionais falam de conexões concretas no e através de balanças locais, regionais, nacionais ou entre nações em uma gama de arranjos políticos possíveis. Essas alianças resgatam a história e reportam-se aos poderem de uma forma contextualizada, evidenciado sujeitos em processos que não se afirmam como os únicos representantes do feminismo, mas como verdadeiros fragmentos e produtos das histórias, contextos e lugares mais variados. É justamente essa dinamicidade política dos sujeitos que possibilita a construção de alianças feministas transnacionais, pois a intersubjetividade política compartilhada faz o elo para a construção de um movimento fortalecido, que impulsiona o desejo de aproximação e define a capacidade de agir de tais alianças.

Bacchetta procura conceitualizar esses poderes por meio da noção de intersseccionalidade, como configurações multidimensionais nos quais o gênero, a raça, a sexualidade, a classe social, o pós-colonial, operam inseparavelmente, tanto nos registros de discursos como na sua materialidade. Assim, a autora utiliza da teoria foucaultiana para compreender esse sujeito-efeito de múltiplas relações de poder inseparáveis, que não são imediatamente visíveis, e que estão em permanentes processos de subjetivações.

Esses aspectos são percebidos em quatro tipos de alianças formadas que a autora expõe, analisando suas composições, ações e limites⁴. A primeira delas é chamada “Alianças Transnacionais Intra-Locais Subalternas”⁵, que reúne sujeitos

⁴ Bacchetta também apresenta as Alianças Dominantes, que se formam em uma dimensão totalizante, produzindo ou reforçando, geralmente involuntariamente, a exclusão da subalternidade e do sujeito subalterno. Como exemplo, a autora visibiliza: Alianças Intradominantes baseadas na Normatividade Nacional, Alianças de Resgate e Alianças Feministas Internacionais.

⁵ Alliaces Transnationales Intra-Locales Subalternes. (p.267)

pertencentes a situações de subalternidade, que mesmo em posicionamentos políticos distintos se unem e se reforçam. Para Bacchetta o *Groupe du 6 Novembre* é um exemplo claro desse tipo de aliança - constituído em 1999 em Paris, reuniu as questões levantadas por lésbicas sobre o colonialismo, escravidão e imigração pós-colonial. O *Groupe du 6 Novembre* era formado por lésbicas da África-subsariana, as Afro-caribenhas, as Magrebinas e as mulheres de origem racial mestiças. Nos discursos, nas práticas e na produção⁶ do grupo havia uma forte desidentificação com a normatividade-nacional e uma resistência aos exercícios políticos do colonialismo francês que eram mantidos pelos acordos bilaterais da França com as ex-colônias. A complexidade do grupo não estava apenas nos textos elaborados por elas contra a exclusão (nós estamos aqui) e contra uma idéia de identificação estereotipada (nós não somos o que vocês imaginam), mas também era o espaço para a descolonização cognitiva e afetiva, que desconstruía progressivamente os efeitos pessoais e coletivos da violência cognitiva e material por meio de discussões analíticas, tornando-se o lugar para a produção de subjetividades em processos e de novas ações políticas.

Esse fenômeno é igualmente visto nas “Alianças Transpcionais Intra-Locais”⁷, que caracteriza um tipo de formação política desenvolvida por sujeitos que pertencem ao mesmo lugar, mas com posicionamentos muito diferentes e que se unem para construir um coletivo que reforça particularmente os mais vulneráveis. Um exemplo desse mecanismo se localiza em Paris por meio do *Grupe Lesbien Contre la Discrimination et Le Racisme* (LDR). O principal objetivo do LDR era combater práticas racistas em casas lésbicas da França, cristalizando-se mesmo frente a um incidente racializado do Festival de Filmes Lésbicos de Paris, quando seus membros iniciaram discussões mais amplas sobre o racismo lésbico franco-francês. Essa aliança transposicional concretizada pelos aspectos da raça, classe, identidades e desidentidades de gênero, crenças, sexualidade e nação só se tornou possível através de uma abertura política subjetiva – as lésbicas franco-francesas começaram a se questionar profundamente sobre elas mesmas e sobre os setores sociais dos quais elas fazem parte. O LDR possibilitou o espaço de uma resubjetivação dos sujeitos, ao colocar em diálogo essas questões múltiplas, ao

⁶ O Grupo du 6 de Novembre publicou um livro e um número especial do jornal *Bint El Nas*, criaram um site, fizeram exposições de arte, falavam em rádios alternativas de imigrantes, participaram da Conferência da ONU sobre racismo.

⁷ Alliances Transpositionnelles Intra-Locales.

desenvolver uma poética afetiva de reconhecimento mútuo e concretizar práticas e atividades que permitem a formação de uma intersubjetividade política.

Já o terceiro exemplo exposto por Paola Bacchetta diz respeito as “Alianças Translocais Transnacionais”⁸, que se caracteriza pela junção de diferentes sujeitos ao redor do mundo, mas que se conectam ideologicamente e politicamente em relação a uma causa comum. A autora explora mais uma vez o *Groupe du 6 Novembre*, pois as produções artísticas criadas pelo grupo, assim como o discurso feito por elas na Conferência da ONU em 2001 sobre racismo conseguiu estimular potenciais subjetividades políticas em outros sujeitos.

E por último, a autora nos mostra a complexidade das “Alianças Transnacionais Transposicionais”⁹ ao unir diferentes sujeitos de diferentes lugares e com posicionamentos distintos, é o caso de quando grupos que se estabelecem em espaços dominantes conseguem apoiar causas políticas de grupos formados e estabelecidos nas margens, sem intervir com um discurso colonizador ou práticas etnocêntricas. Para expor essa aliança, Bacchetta traz o caso da violência religiosa na Índia em 2002, quando programas anti-mulçumanos obtiveram um lugar político considerável nos Estados do Gujarat, que eram regidos por grupos nacionalistas Hindus. Na Capital Ahmedabad, a violência durou três dias, causando 762 mortos e mais de 98 mil refugiados mulçumanos, além de práticas de violências sexuais públicas. Frente a isso, os movimentos feministas indianos e as organizações de esquerda se mobilizaram para realizar um trabalho humanitário; as feministas indianas pediram a solidariedade de feministas de fora da Índia, incluindo as ocidentais, para serem observadoras e testemunhas das condições e violências que aconteciam nos campos de refugiados. E as feministas ocidentais cumpriram e forneceram a solidariedade pedida e definida pelas indianas, sem uma intervenção política colonizadora.

O capítulo escrito por Bacchetta nos possibilita pensar e refletir sobre as diversas formas de concretizações políticas por meio das mais variadas conexões subjetivas dos sujeitos, além de nos apresentar uma análise que não pensa através do esquema binário “dominação versus subordinação”, não essencializando e homogeneizando cada um desses termos. A autora nos mostra as complexidades do poder e das alianças políticas, da formação dos sujeitos e de suas capacidades de

⁸ Alliances Translocaes Transnationales

⁹ Alliances Transnationales Transposicionales

agir, no reconhecimento das identidades e desidentidades de gênero no quadro de uma mundialização desigual.

Assim, podemos trazer suas reflexões analíticas para as alianças políticas concretizadas na América Latina, como por exemplo, a Conlactraho (Confederación Latinoamericana y del Caribe de Trabajadoras del Hogar) criado em 1988 por representantes dos grupos políticos de trabalhadoras domésticas remuneradas de 13 países: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Equador, Guatemala, México, Paraguai, Peru, República Dominicana e Uruguai. (GOLDSMITH,2010). A força política desse movimento representa e une as reivindicações dos movimentos feministas e do movimento negro, constituindo alianças políticas que fortalecem as pautas de mudanças em seus países.

Paola Baccheta coloca como um grande ponto para a formação política transnacional a reflexão do próprio sujeito em relação a sua grande de inteligibilidade, para desconstruir o lugar onde estamos situados e reconhecer os particularismos. As pessoas que se encontram em posições dominantes seriam preparadas para abandonar essas noções de poder, e para as pessoas que se encontram em posições subalternas é preciso livrar-se da colonização cognitiva e de uma identificação com os discursos dominantes, sem nunca perdermos as similitudes e diferenças históricas, contextuais e as relações materiais de poder que são parte integrante da formação dos sujeitos. Assim, seria possível começar o reconhecimento de alguém como sujeito e tentar construir modalidades de intersubjetividades políticas, formando então alianças feministas transnacionais verdadeiramente satisfatórias.

RESENHA DE:

BACCHETTA, Paola. Réflexions sur les Alliances Féministes Transnationales. In. : FALQUES, Jules; HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle, et al. (Dir.). **Le sexe de la mondialisation :genre, classe, race et nouvelle division du travail**. Paris : Presses de Sciences Po, 2010. p. 259-273.

REFERÊNCIAS:

GOLDSMITH, Mary. La experiencia de Conlactraho como organización internacional de trabajadores y trabajadoras domésticas. In: GOLDSMITH, Mary et al. **Hacia um Fortalecimento de Derechos Laborales em el Trabajo del Hogar**: alunas experiências de América Latina. Montevideo: Friederich Ebert Stiftung, 2010. p. 5-24.